



**“SEMPRE É BOM RECORDAR QUE NÃO SE
DEVE TOMAR OS OUTROS POR IDIOTAS”:
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA
PROPOSTA TEÓRICA DE MICHEL DE CERTEAU
PARA ANÁLISE DAS PRÁTICAS SOCIAIS
COTIDIANAS**

JULIANA BLASI CUNHA* E WANIA AMÉLIA BELCHIOR MESQUITA**

Resumo: Originalmente publicada em 1980, *A Invenção do Cotidiano* apresenta a importante proposta teórica de Michel de Certeau para a análise das práticas sociais cotidianas. O presente artigo tem como objetivo analisar as proposições teóricas sobre as “artes de fazer” elaboradas por Certeau, destacando o conceito de tática, central em sua análise. Tal teoria foi submetida ao teste da empiria por uma equipe de colaboradores do autor e o presente artigo irá apresentar a análise por eles feita das práticas de apropriação do espaço urbano através das trajetórias de uma família em um bairro de Lião, na França. Por fim, o artigo buscará refletir sobre as divergências e aproximações entre a proposta de Certeau e a de autores de tradições distintas que se dedicaram a pensar as práticas sociais como, por exemplo, Pierre Bourdieu e Erving Goffman.

Palavras-chave: Práticas sociais cotidianas. Tática. Michel de Certeau. Teoria da prática e Escola de Chicago.

It is always good to remember that one should not take others for fools": some considerations regarding Michel de Certeau's theoretical proposal for the analysis of everyday social practices

Abstract: Originally published in 1980, *The Invention of Everyday Life* presents Michel de Certeau's important theoretical proposal for the analysis of everyday social practices. This article aims to analyze the theoretical propositions on the “arts of making” developed by Certeau, highlighting the concept of tactics, central to his analysis. This theory was submitted to the empiric test by a team of author's collaborators and the present article will present their analysis of the practices of appropriation of urban space through the trajectories of a family in a Lião's neighborhood, in France. Finally, the article will seek to reflect on the divergences and similarities between Certeau's proposal and that of authors from different traditions who dedicated themselves to thinking about social practices, such as, Pierre Bourdieu and Erving Goffman.

Keywords: Everyday social practices. Tactics. Michel de Certeau. Theory of practice and Chicago School.

* Doutora em Antropologia Social PPGAS/USP. Pós doutoranda PNPd/Capes em PPGSP/UENF. E-mail: jblasicunha@gmail.com

** Doutora em Sociologia PPGS/IUPERJ, professora Associada da UENF. E-mail: mesquita@uenf.br

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 1980 foi publicada a primeira edição francesa de *A Invenção do Cotidiano*. A obra apresenta os resultados de uma longa pesquisa realizada, entre 1974 e 1978, por Michel de Certeau e uma equipe de pesquisadores colaboradores. Michel de Certeau foi um historiador francês reconhecido sua produção científica, mas também controverso por relativizar a noção de verdade e questionar a objetividade das instituições do saber. Não identificando-se com um lugar determinado na academia, Certeau interessava-se e movia-se com grande habilidade entre os distintos campos do saber como história, sociologia, antropologia, psicanálise e linguística.

Em 1972, Certeau fora convidado a ser o relator do Colóquio Internacional de Arc-et-Senans, onde seria preparado o encontro de Helsinque entre Ministros da Comunidade para definir uma política europeia de cultura. Em 1974, ele reúne os relatórios redigidos nessa ocasião e publica o livro *A Cultura no Plural*, onde se revela a sua importante reflexão sobre as práticas culturais. Certeau argumenta que tais práticas deveriam ser analisadas a partir das operações dos usuários e não dos produtos culturais. As práticas dos usuários, segundo Certeau, conflitam ou subvertem os mecanismos de dominação, marcando socialmente o desvio. O autor já argumentava nesse trabalho que a cultura é flexível e múltipla e que as maneiras de utilizar, por exemplo, o espaço fogem à racionalidade dos planejadores urbanos. Nas entrelinhas de *A Cultura no Plural* é possível notar o programa da pesquisa realizada entre 1974 e 1978 e publicada, em 1980, sob o título *A Invenção do Cotidiano*.

Para desenvolver seu programa de pesquisa, Certeau organizou três “círculos” com colaboradores-interlocutores a fim de que suas proposições teóricas fossem submetidas ao teste de uma prática concreta, que foram reunidos no segundo, e menos conhecido, tomo de *A Invenção do Cotidiano*. Crítico da estatística, Certeau defende que ela reproduz o sistema ao qual pertence, deixando fora do seu campo de análise a multiplicidade das histórias e operações heterogêneas que compõem os *patchworks* do cotidiano. Na Apresentação ao primeiro tomo, Giard, um desses pesquisadores colaboradores de Certeau, narra que em uma carta, Certeau lhes propôs “uma prática observadora e engajada” num bairro parisiense a ser determinado em conjunto. Nesses círculos, segundo descreve Giard, “...toda posição teórica era a priori considerada defensável, contanto que esteada em argumentos e posto em relação com uma prova concreta” (GIARD, 2005, p. 23).

A análise de Certeau aposta na inventividade e na inteligência dos “usuários”, destacando as “maneiras de fazer” o cotidiano, que, em sua percepção, não era marcado apenas por reproduções, mas também por subversões, “bricolagens” e contrapartidas. À Michel de Certeau interessa a astúcia dos mais fracos envolvida na arte de “dar golpes”, mas também em outras “artes de fazer” como, por exemplo, caminhar, habitar, fazer compras e cozinhar. De maneira extremamente sofisticada, o autor dedica-se a analisar essas e outras práticas sociais, as quais chama de táticas, concentrando-se no modo como, através delas, alguns indivíduos não se conformam às relações não igualitárias que permeiam o cotidiano. Segundo Giard, “Certeau resume a sua posição numa tirada que se deve levar à sério: ‘Sempre é bom recordar que não se deve tomar os outros por idiotas.’” (GIARD, 2005, p. 19).

O presente artigo tem como objetivo apresentar as proposições teóricas sobre as “artes de fazer”, elaboradas por Michel de Certeau, no primeiro tomo de *A Invenção do Cotidiano*. Após apresentar as proposições teóricas de Certeau e contextualizá-las no debate estabelecido por ele com outros autores franceses que também se dedicaram a pensar as práticas cotidianas, o trabalho concentra-se na análise do tomo II da mesma obra. No segundo volume de *A Invenção do Cotidiano*, as proposições teóricas de Certeau foram articuladas a um exercício etnográfico realizado por dois de seus colaboradores: Pierre Mayol e Luce Giard. O artigo buscará, portanto, apresentar também como os apontamentos teóricos de Certeau foram submetidos ao teste da

empíria, dedicando-se, sobretudo à análise das práticas de apropriação do espaço urbano através das trajetórias de uma família no bairro de Croix-Rousse de Lião, na França.

Por fim, o artigo buscará refletir sobre possíveis rupturas e continuidades entre a proposta de Certeau e de outros autores de tradições diferentes que também se propuseram a pensar as práticas sociais. Para pensar o cotidiano e suas práticas sociais, Certeau estabelece um intenso debate, por exemplo, com autores franceses da chamada “teoria da prática” como Pierre Bourdieu e Michel Foucault. Além de situar a proposta de Certeau em relação a esses autores franceses com quem ele debate constantemente de forma crítica, o texto buscará apontar, a despeito das afinidades de tema e de perspectiva de análise, a falta de diálogo de Certeau com o “interacionismo simbólico” e com toda a Escola de Chicago, exceto por uma única e breve referência em seu texto ao sociólogo norte-americano Erving Goffman.

2 PROPOSIÇÕES TEÓRICAS DE MICHEL DE CERTEAU SOBRE AS “MANEIRAS DE FAZER”

Originalmente publicada por Michel de Certeau em 1980, *A Invenção do Cotidiano* insere-se no debate com autores, como Bourdieu, da chamada “teoria da prática”. Assim como outras abordagens, essa teoria tem por desafio tomar como objeto de análise as práticas cotidianas. A “teoria da prática”, segundo Ortner, interessa-se pelas articulações entre as práticas dos atores sociais na vida concreta e as grandes estruturas e sistemas que exercem coerção sobre essas práticas e que, ao mesmo tempo, e, em última instância, podem ser transformadas por elas (ORTNER, 2007).¹

Além de diversas referências ao longo do texto, Certeau dedica especial atenção a Pierre Bourdieu no tomo I, em breve capítulo intitulado “Foucault e Bourdieu”. Na perspectiva de Certeau, o trabalho de Bourdieu fascina por suas análises, porém agride por sua teoria, visto que reduz as práticas ao *habitus*, conceito destinado a colocá-las sob a lei da reprodução. Bourdieu propôs-se a superar tanto o “subjetivismo” quanto o “objetivismo”, criticando enfaticamente o estruturalismo por considerá-lo rígido e insuficiente para analisar a importância dos atores. Por outro lado, Bourdieu opunha-se também à fenomenologia, destacando que essa acentuaria a liberdade total.

As formulações teóricas mais gerais de Bourdieu foram apresentadas de forma acabada em *O senso prático* (1981), em *A distinção* (1980) e *As regras da arte* (1992). Wittgenstein, Bakhtin, Goffman, Mauss e Marx são algumas das muitas referências com as quais Bourdieu dialoga em suas obras, mas, segundo Domingues (2001), um “pé ainda preso ao estruturalismo” acaba seguindo na direção do conceito de *habitus*, uma “estrutura estruturada estruturante”. Nas palavras de Domingues (2001, p. 59):

Depositada no corpo humano (e não na “consciência do sujeito”), ela fornece regras práticas para a sua ação, que se desenrola então em particular, reproduzindo as estruturas sociais, conquanto seja importante observar que, sem especificar exatamente como, ao lado dessa memória que se perpetua, ele coloca uma inventividade do *habitus* que, portanto, encarrega-se, não se sabe bem como, todavia, da criatividade da ação.

É neste ponto que o conceito de *habitus* não se afasta por completo das estruturas. Segundo Leite (2010, p. 744), “no jogo da interiorização das estruturas mediante a aquisição (processo educacional) e na exteriorização processual dessas estruturas adquiridas por meio do *habitus*, as práticas e estratégias de ação tendem, logicamente, a dar sustentação às estruturas, imprimindo-lhes as necessárias regularidades sociais”.

O *habitus* na teoria de Bourdieu coloca o foco na ação, em grande medida na memória social e, em menor proporção, na criatividade e na mudança social. Daí a crítica de Certeau ao que chama de “a sedução do conceito de *habitus*”, afirmando que ele acaba por ser um “lugar dogmático”, posto que não dá conta de explicar como certas práticas não se limitam a dar repostas a determinadas conjunturas. Certeau ressalta que a criatividade do grupo ou do indivíduo é descartada de antemão na teoria de Bourdieu e essa estabelece-se de fato como a sua maior crítica a ela. Assim, nada de novo poderia advir e nem mesmo o gosto poderia ser ampliado por uma descoberta ocasional. O *habitus* seria “o lugar de inscrição das estruturas, o mármore onde se

grava sua história. (...) A imobilidade dessa memória garante à teoria que o sistema socioeconômico será fielmente reproduzido nas práticas” (CERTEAU, 2005, p. 126).

Nesse mesmo capítulo de *A Invenção do Cotidiano*, intitulado “Foucault e Bourdieu”, Certeau dialoga também com a obra *Vigiar e Punir*, publicada em 1975, por Michel Foucault. Segundo Certeau, a obra traz uma importante contribuição ao deslocar o foco e substituir a análise dos aparelhos que exercem o poder pela dos “dispositivos” que “vampirizam” as instituições e reorganizam clandestinamente o funcionamento do poder. O interesse de Foucault em situar a produção de poder menos nas macroinstituições, como o Estado, e mais nas microinstituições, como as relações padre-penitente, tem afinidades óbvias com o interesse da chamada “teoria da prática” em examinar fontes que estão na base de formações maiores. No que diz respeito à análise de operações microscópicas, as abordagens de Foucault e de Bourdieu se aproximam. Ortner (2007, p. 27) ressalta que: “Bourdieu é muito como Foucault, pois sua noção de habitus é de uma estrutura profundamente internalizada, fortemente controladora e, em grande medida, inacessível à consciência (ver também De Certeau, 1984)”.

Se por um lado Certeau reconhece a importância da contribuição realizada por Foucault, por outro ele propõe ir além da análise de como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar. Certeau ressalta que a perspectiva de Bourdieu e Foucault privilegiam o aparelho produtor da disciplina, ao passo que, para ele, mais importante seria entender como uma sociedade inteira não se reduz a essa rede de disciplina. A grande contribuição da proposta teórica de Certeau está na enorme atenção que ela dedica à análise das formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou indivíduos. Em suas palavras: “Esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores compõem no limite a rede de uma antidisciplina que é o tema desse livro (CERTEAU, 2005, p. 42-43).

No debate crítico que estabelece com o trabalho de Foucault, em *A Invenção do Cotidiano*, Certeau ajusta o foco, delimitando mais claramente o alvo de seu interesse dentre as práticas cotidianas. Assim, trata-se de saber:

que procedimentos populares (também “minúsculos” e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política (CERTEAU, 2005, p. 41).

Através do diálogo com a obra desses dois autores, sobretudo das críticas, a perspectiva de Certeau vai se evidenciando ao longo do seu texto. Assim como Foucault e Bourdieu, ele toma as práticas sociais como objeto teórico, no entanto, onde os autores percebem nelas a obediência e a uniformização, Certeau dá destaque aos jogos, às táticas silenciosas, às escapatórias e às astúcias dos indivíduos. Certeau está nitidamente interessado em refutar as teses sobre a passividade dos consumidores e a massificação dos comportamentos. Para tal, ele ressalta a atividade criadora ou as astúcias táticas daqueles que percebe como “praticantes do ordinário”. A proposta de Certeau é a de que os usuários fazem uma “bricolagem” com e na economia cultural dominante, segundo seus interesses e regras. Essa resposta ou contrapartida seria silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.

Certeau reconhece e identifica os códigos sociais e sua dimensão de poder, mas destaca que seus usuários os transformam através de suas práticas, que são por excelência o foco de interesse em sua análise. O autor traz como exemplo em sua argumentação o caso de indígenas que, mesmo submetidos à dominação espanhola, faziam das ações rituais ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas. Certeau destaca que já faz muito tempo que se estuda em outras sociedades² as inversões discretas e, no entanto, fundamentais ali provocadas pelo consumo. Em suas palavras:

Assim, o espetacular sucesso da colonização espanhola no seio das etnias indígenas foi alterado pelo uso que dela se fazia: mesmo subjugados, ou até consentindo, muitas vezes esses indígenas usavam as leis, as práticas

ou as representações que lhes eram impostas pela força ou pela sedução, para outros fins que não os dos conquistadores. Faziam com elas outras coisas: subvertiam-nas a partir de dentro- não rejeitando-as ou transformando-as (isto acontecia também), mas por cem maneiras de empregá-las à serviço de regras, costumes ou convicções estranhas à colonização da qual não podiam fugir (CERTEAU, 2005, p. 94-95).

Segundo Certeau, as práticas desses indígenas metaforizavam a ordem dominante, fazendo com que ela funcionasse em outro registro. Ao assimilar o sistema, modificavam-no sem deixá-lo. O autor reconhece o papel da ordem dominante, na qual o indígena não tem meios para recusar. Interessa, no entanto, para Certeau analisar o modo dos indígenas de usar essa ordem ou perceber como buscam escapar ou burlar esse poder mesmo sem, contudo, deixá-lo.

Para Certeau, tal “bricolagem” com e na economia cultural dominante pode ser observada também entre os “usuários” da cidade, que, à sua maneira, dela se apropriam, produzindo metamorfoses na lei, segundo seus interesses e regras. Nesse sentido, o autor destaca, por exemplo, que um magrebino que mora em Paris tem “maneiras de habitar” próprias de sua Kabília natal e que ele as insinua no sistema que lhe é imposto na construção de um conjunto residencial popular onde vive. Nas palavras de Certeau:

Ele os superimpõe e, por essa combinação, cria para si um espaço de jogo para *maneiras de utilizar* a ordem imposta do lugar ou da língua. Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura *pluralidade* e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos (CERTEAU, 2005, p. 91-92).

Certeau interessa-se em elucidar a dimensão invisível do questionamento do poder através das práticas cotidianas, mas sua abordagem não as toma apenas como resistência, destacando-se sobremaneira seu aspecto criativo. O autor propõe que a ordem reinante serviria de suporte para produções inúmeras. Em suas palavras: “No limite, essa ordem seria o equivalente daquilo que as regras de metro e rima eram antigamente para os poetas: um conjunto de imposições estimuladoras da invenção, uma regulamentação para facilitar as improvisações” (CERTEAU, 2005, p. 50).

A grande aposta de Certeau concentra-se na proposição do conceito de tática, do qual ele distingue o de estratégia. A estratégia estaria sempre mais próxima da dominação e de seus mecanismos de controle e de poder; ao passo que as táticas, centrais na análise de Certeau, relacionam-se com a resistência das contrapartidas ou com uma espécie de subversão inventiva nos processos de dominação. Muitas práticas cotidianas como falar, ler, circular, caminhar, fazer compras ou preparar as refeições são, para Certeau, do tipo tática e constituem o cerne de suas investigações. Essas “maneiras de fazer” são analisadas por Certeau como “vitórias do ‘fraco’ sobre o mais ‘forte’ (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de ‘caçadores’, mobilidades de mão de obra, simulações polimorfos, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos” (CERTEAU, 2005, p. 47).

As táticas, para Certeau, manifestam a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias esconderiam sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta. A tática depende do tempo, vigiando para garantir “possibilidades de ganho”. Constantemente, há que se jogar com os acontecimentos para transformá-los em “ocasiões” a serem aproveitadas, tirando partido de forças que lhe são estranhas. Certeau destaca ainda que não há nessas táticas a forma de um discurso, mas elas se apresentam, sem vacilar, na própria decisão, no ato e na maneira de aproveitar cada “ocasião”. Segundo Certeau:

Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas uma docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas

particulares vão abrindo na vigência do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia (CERTEAU, 2005, p. 100-101).

A tática opera golpe por golpe, não tendo, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um “projeto global”. As práticas sociais do tipo tática aproveitam as “ocasiões” e delas dependem, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. Certeau propõe, assim, que a tática é a arte do fraco, que, cada vez mais coagido e sempre menos envolvido pelos amplos enquadramentos, se destaca deles sem poder escapar-lhes. Ao fraco só lhe restaria a astúcia como “último recurso” no relacionamento com esses “enquadramentos” ou estruturas de poder.

Ao longo de *A Invenção do Cotidiano*, Certeau ressalta que a estatística seria um método inadequado aos objetivos da pesquisa que ele então realizava. Em sua percepção, a estatística uniformiza, baliza ou padroniza os elementos utilizados. A estatística não permite captar e compreender aquilo em que Certeau estava interessado: o fraseado devido à bricolagem, à inventividade artesanal, à discursividade que combinam estes elementos, todos recebidos e de cor indefinida. Em suas palavras: “Estatísticas se contentam em classificar, calcular e tabular. Não capta a formalidade própria dessas práticas, seu “movimento” sub-reptício e astucioso, isto é, a atividade de “fazer com” (CERTEAU, 2005, p. 98).

Dessa forma, não sem razão, a base empírica para uma teoria do cotidiano em Certeau encontra-se, sobretudo, no que ele nomeia como “caminhadas pela cidade”. Como operações enunciadoras, a caminhada afirma, lança suspeita, arrisca e transgride. Para Certeau, os passos pela cidade são uma espécie de matéria-prima das táticas cotidianas, mediante os quais as diferentes modalidades de ação entram em jogo: “Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio” (CERTEAU, 2005, p.183).

Assim como distingue tática e estratégia, a teoria de Certeau lança mão de outro par de conceitos fundamental: a distinção entre espaço e lugar. Para o autor, o espaço corresponde à ausência de posições definidas e, assim, é uma ordem móvel que permite perceber as diferentes experiências espaciais da vida cotidiana. O lugar, por contraste, relaciona-se com configurações mais estáveis de posições. O espaço seria sempre provisório, ao passo que o lugar, permanente. Enquanto o lugar retém o “próprio”, correspondendo, assim, às práticas do tipo estratégicas, o espaço corresponde às práticas táticas. Certeau afirma, assim, que o “o espaço é um lugar praticado” (CERTAU, 2005, p. 202).

3 O BAIRRO: CONVENIÊNCIA E SINGULARIZAÇÃO

As proposições de Certeau transferiram a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso de tais produtos. O volume II de *A Invenção do Cotidiano* está dividido em duas partes, que buscam um diálogo entre casos concretos e as proposições de Certeau, pondo à prova suas sugestões teóricas e avaliando-lhes a operacionalidade. Na primeira parte desse segundo tomo, Pierre Mayol³ descreve e analisa a prática de um bairro por uma família da Croix –Rousse, em Lião; ao passo que, na segunda parte, Luce Giard trata das táticas das mulheres nas cozinhas. Nas próximas linhas desse artigo o foco será colocado na abordagem de Mayol, buscando apresentar sua concepção de bairro e como o autor a articula ao material empírico em sua análise da apropriação do bairro.

Nos dois primeiros capítulos do tomo II de *A Invenção do Cotidiano*, Mayol dedica-se a discutir sua concepção de bairro e aquilo que ele chama *conveniência*, reservando as páginas do terceiro ao sétimo capítulo para descrição e análise de seu material etnográfico. O autor desenvolve seu trabalho sobre o bairro em consonância com a ideia de Certeau de que o espaço não é neutro, mas sempre um lugar praticado por seus usuários. Certeau reconhece e destaca o caráter polifórmico do andante que inscreve, nos passos pela cidade, os diferentes jogos de astúcia do agir. O grau de dispersão de significados atribuídos aos espaços e a multiplicidade de estilos de vida tornam volátil a rigidez dos lugares que parecem ceder à pressão dos “espaços como lugares praticados”.

Mayol apreende o bairro, portanto, como uma porção do espaço público, que, aos poucos, é particularizado pelos usuários em suas práticas cotidianas. O bairro é, nessa perspectiva, um objeto de consumo do qual o usuário se apropria no modo da privatização do espaço público.

Nesse contexto, em face de uma configuração dos lugares impostos pelo urbanismo, o usuário impõe à ordem externa da cidade a sua lei de consumo de espaço, criando para si lugares de aconchego e itinerários para o seu uso e prazer. Ao mesmo tempo, Mayol reconhece que o indivíduo que nasce ou se instala em um bairro é obrigado a levar em conta o seu meio social, inserir-se nele para poder viver aí. A prática do bairro seria uma convenção tácita coletiva, que não está escrita, porém é legível para todos os usuários, configurando o que o autor chama de *conveniência*.

A *conveniência* seria o consenso social que funda a identidade do grupo, no caso em questão, o bairro. A ela todos são “convidados” a submeter-se a fim de possibilitar o bom funcionamento da vida cotidiana. Não é possível contabilizar quanto o usuário ganha por saber “possuir” direito seu bairro. Segundo Mayol, o adquirido trazido pelo costume passa pela melhoria da “maneira de fazer”, de passear, de fazer compras, podendo, assim, o indivíduo verificar sem cessar a sua inserção no bairro e seu “reconhecimento” nele. É através do conhecimento e exercício desses costumes que os usuários geram, portanto, seu próprio poder sobre o seu ambiente e dele “se apoderam”.

A fim de melhor evidenciar suas concepções acerca do bairro e da *conveniência*, o autor exemplifica três situações que relacionam sexualidade e *conveniência* no bairro. Após apresentar tais exemplos, o autor coloca que o modo verbal sob o qual a sexualidade é semantizada no bairro pelos controles da *conveniência* é, sobretudo, a ambiguidade do sentido. Mayol ressalta, no entanto, que o peso das coerções não basta como razão para tal fato, que não deve, na concepção do autor, ser percebido somente como exclusão do sexo, mas como a possibilidade de trapacear com o interdito. A análise de Mayol destaca que há na *conveniência* uma possibilidade que autoriza o erotismo a tomar lugar no espaço público, não como um bem de consumo, mas como prática social na densidade da linguagem que dá seu lugar à repressão coletiva. É necessário saber quando, com quem e em qual situação é permitido tais brincadeiras com ambiguidade de sentido. Ter conhecimento e domínio sobre os costumes é, portanto, fundamental para poder utilizar-se das possibilidades de trapaça.

É apenas no terceiro capítulo do segundo tomo que Pierre Mayol se detém especificamente sobre o bairro Croix-Rousse, em Lião, a partir da apropriação desse por três gerações de uma família que ficara sempre ligada ao seu bairro e a qual chama “R”. O objetivo do autor é descrever e interpretar os processos de apropriação do espaço urbano no bairro através das trajetórias dessa família no seu bairro, buscando entender a maneira como essas trajetórias são confiadas a este ou àquele, conforme as necessidades.

Mayol descreve a localização das casas de alguns membros da família “R” no bairro e vai mostrando, por exemplo, qual dia da semana Madame Marie e seus filhos e netos (Joseph, Jean e Maurice) almoçam ou jantam juntos em sua casa. Descreve qual dia e período é reservado a cada um e em companhia de quem “fazer o mercado”, ir passear no centro ou ir aos grandes supermercados no subúrbio. A cada fórmula relacional corresponde, segundo Mayol, uma projeção topográfica e as trajetórias não são as mesmas. Segundo o autor há um ritmo produzido no tempo por essa família e pelo qual ela pratica a sua singularidade. Em suas palavras: “A exterioridade (aqui, o bairro) se interiorizou, e ao mesmo tempo a interioridade se exterioriza nesse espaço que foi reapropriado, por se ter tornado uma exclusividade, ou seja, alguma coisa que faz sentido por oposição” (MAYOL, 2003, p. 91).

A partir de observação e entrevistas o autor descreve, por exemplo, a relação dos usuários do bairro com o armazém do Robert e a mercearia de Germanie, explicando o que significa de acordo com a *conveniência* do bairro frequentar um ou outro desses estabelecimentos comerciais. A relação com Robert, por exemplo, implica uma prática do tempo, muito elaborada, ligada à vizinhança e ao hábito. Alguns poucos moradores, como Madame Marie tem o raro privilégio de poder bater à porta de trás quando Robert já fechou o mercado, ou seja, tem o direito de ser “inconveniente”. Não se trata apenas de tolerância ou regra de boa educação, mas de uma permissão que resulta de um costume muito antigo, através do qual é possível verificar a solidez da relação estabelecida no decurso do tempo. Os mercados e mercearias do bairro são, portanto, tomados pelo autor, como lugares públicos onde sempre se pode praticar o jogo social do bairro, ganhando algum proveito em termos de reconhecimento nele.

Acompanhando, por exemplo, Joseph em um dia de domingo em sua tradicional ida ao mercado do bairro, o autor ressalta que essa prática se inaugura como familiar, mas se transforma numa prática própria a Joseph, da mesma maneira que cabe a Madame Marie a prática de ir ao Robert segundo uma dinâmica relacional que lhe é igualmente própria. Ao “tempo necessário” do mercado, Joseph enxerta um tempo “livre” para o aperitivo tomado com os companheiros num café da Croix-Rousse. A trajetória principal do “dever” casa-mercado inclui subtrajetórias que lhe são complementares. Mayol busca através desse exemplo evidenciar que “o dever também é o trampolim de uma subtrajetória que, inserida na primeira, impele, entretanto, para uma direção autônoma que oscila do dever para o prazer” (MAYOL, 2003, p. 164).

A análise de Mayol sobre as práticas de apropriação do bairro através das trajetórias de uma família está em consonância com a baliza teórica elaborada por Certeau. Em sua descrição e análise, o interesse, assim como em Certeau, reside nas astúcias táticas das práticas ordinárias a fim de contestar a ideia de que as operações dos usuários estejam entregues à passividade e à disciplina. Os usuários ao praticarem o espaço, são também responsáveis por sua produção.

Mayol reconhece as normas e condições que orientam as práticas de apropriação do espaço ao descrever a importância do respeito à *conveniência* -aquilo ao qual cada um se pode dobrar sem prejudicar a si mesmo a fim de preservar a coesão social do bairro. Por outro lado, o autor não deixa de ressaltar a *singularização* progressiva deste espaço social pela prática cotidiana do usuário. A prática é estruturada *em função de* e estruturante *com relação a* certos valores vigentes no bairro. Há, portanto, nisso uma tensão que sustenta a dinâmica da vida do bairro. Tal tensão se apoia em dois polos: o respeito à *conveniência* e a *singularização*. Em suas palavras: “Manter, num mesmo lugar, este regime público da conveniência e da apropriação do espaço e de sua privatização é o núcleo que define o bairro urbano” (MAYOL, 2003, p. 165).

A noção de cotidiano como práticas, em Certeau permite que se analise formas distintas de apropriação do espaço, a formação de lugares e o rompimento de fronteiras que demarcam socioespacialmente a vida urbana. Sua perspectiva está centrada nas práticas que desafiam o espaço disciplinar. Para Certeau, existe, assim, uma dissonância entre a flexibilidade da cultura urbana e a planificação urbanística. O autor destaca as muitas maneiras de se apropriar e de utilizar socialmente o espaço, praticando-o. Tal uso social do espaço subverte ou foge à planificação urbanística. Capaz de criar uma composição de lugares, de espaços ocupados e espaços vazios, que permite ou impedem a circulação, o urbanista seria, para Certeau, incapaz de articular essa racionalidade do concreto com os sistemas culturais múltiplos e fluidos, que organizam a ocupação social dos espaços.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Michel de Certeau, bem como Bourdieu e Foucault, apresentam em comum o fato de, em suas teorias, buscarem alternativas ao funcionalismo e ao estruturalismo, anteriormente hegemônicos nas ciências sociais. O funcionalismo formulava perguntas sobre a função prática das instituições, ao passo que o estruturalismo de Lévi-Strauss mostrava que tanto as instituições (parentesco ou o mito, por exemplo) funcionam de acordo com uma lógica ou “estrutura” subjacente. Apesar de diferentes, o estruturalismo e o funcionalismo tinham uma coisa em comum: nessa perspectiva, o comportamento humano era moldado, determinado e definido por forças sociais e culturais externas.

A partir da década de 50, essa perspectiva passa a ser criticada nas mais diversas tradições das ciências sociais. Uma teoria puramente baseada na coerção, sem considerar nem a agência humana e nem os processos que produzem e reproduzem essas coerções mostrava-se cada vez mais problemática. Na antropologia britânica, tem-se o desenvolvimento da perspectiva teórico-metodológica da abordagem processualista, que passou a se interessar por captar a fluência social através da análise dos processos que ocorrem no interior da estrutura social, distinguindo-se das análises estáticas e dos modelos em equilíbrio, prevaletentes no estrutural-funcionalismo da época.

Influenciada pela perspectiva de Durkheim, mais especificamente, por sua ideia de solidariedade mecânica, a teoria estrutural-funcionalista enfatizava a construção de sistemas sociais em equilíbrio. Na análise estrutural a ênfase era dada à morfologia social e a regularidade estrutural das sociedades primitivas, ao passo que as variações individuais eram negligenciadas.

Se na abordagem estrutural-funcionalista a preocupação era com a manutenção da coesão da sociedade, na abordagem processualista britânica autores, como Edmund Leach (1954) e Victor Turner (1957), estavam interessados em analisar o processo de transformação das sociedades, que passaram, então, a ser percebidas como instáveis. É nesse contexto que se desenvolve, na Antropologia britânica, uma abordagem de orientação dinâmica e processual, tendo como objetivo captar o conflito, a variação e o fluxo social. Na antropologia britânica, a partir da década de 1950, torna-se, então, questão relevante a agência dos indivíduos e entender como as pessoas convivem com as suas normas, que são, muitas vezes, conflitantes entre si.

Na sociologia norte-americana, a perspectiva da coerção foi logo questionada, por exemplo, no trabalho de Erving Goffman (1959) e de outros representantes do chamado interacionismo. Para Goffman, assim como para outros autores da Escola de Chicago, trata-se de deslocar o indivíduo do centro da vida social, pois esta seria tecida por um conjunto amplo e variado de processos interativos. A interação se colocava como uma categoria analítica e tanto os processos mais amplos desta, quanto o indivíduo se formavam e reproduziam nesses processos interativos. A crítica ao individualismo é clara no interacionismo, no entanto, tal perspectiva foi, frequentemente, acusada de deixar de lado as coerções estruturais ao adotar como foco a microsociologia da interação interpessoal.

Na França, a partir de fins da década de 1970, a chamada “teoria da prática”, que tem Bourdieu como grande expoente, assumia o desafio de buscar superar a oposição entre agência e estrutura. A “teoria da prática” oferecia soluções a problemas que estavam incomodando o campo, alguns deles remontando ao funcionalismo, e outros gerados pelas novas escolas de teoria das décadas de 1960 e 1970. É necessário, no entanto, marcar algumas importantes diferenças de perspectiva entre as teorias de Bourdieu e a de Certeau, pois, se por um lado integram um mesmo movimento na França de pensar as práticas cotidianas, por outro, desenvolvem essa tarefa de forma bem diferentes.

A teoria de Bourdieu investe esforços na tentativa da construção de uma perspectiva que supere polarizações como as da ação e da estrutura, mas, por fim, o estruturalismo parece acabar assumindo o controle dos resultados de sua proposta. O conceito de *habitus* de Bourdieu pretende recusar tanto o objetivismo estruturante quanto o subjetivismo, dando ênfase às práticas, como elemento definidor da ação. Bourdieu está preocupado em encontrar uma explicação que não se reduza simplesmente aos parâmetros da estrutura, por um lado, e da ação, por outro, sem, contudo, abandonar os efeitos que essas categorias têm sobre a ação. Deve-se destacar, no entanto, que o caráter duradouro desse sistema de disposições da ação depende de certas regularidades associadas a um meio ambiente socialmente estruturado. O autor parece, ao final, se inclinar ao apelo das estruturas ao afirmar que, mesmo nas situações de alteração das estratégias, elas tendem sempre a reproduzir as estruturas objetivas.

Sempre que se busca superar o paradoxo da estrutura e da ação (ou das chamadas explicações objetivistas e subjetivistas) segundo um caminho ainda demarcado por esse próprio binarismo, acaba-se não escapando dele. A solução explicativa de Bourdieu tende a conservar o paradoxo como marco de referência para pensar a possibilidade de ações que pretendem escapar a esse par conceitual sem com ele romper. Bourdieu se insere naquela corrente para a qual a dialética entre indivíduo e sociedade também é fundamental. A noção de interação encontra-se ausente na teoria de Bourdieu, fazendo com que bata de frente com o interacionismo simbólico e subtilize a obra de Goffman. Bourdieu define sua sociologia como relacional, mas, a relação se dá entre posições de poder e não entre os atores. Ao modo do estruturalismo, os atores apenas preenchem essas posições de poder. Segundo Domingues: “Explícita, de todo modo, é sua rejeição de qualquer noção de subjetividade coletiva, uma vez que, visando sintetizar “objetivismo” e “subjetivismo”, acaba prisioneiro desta polarização, ainda que se ache doravante dialetizada” (DOMINGUES, 2001, p. 61-62). O esquema analítico de Bourdieu está preso, portanto, em sua própria armadilha.

Assim como Bourdieu, Certeau também busca analisar as práticas sociais cotidianas. Sua obra, no entanto, opera uma ruptura com o par conceitual estrutura e ação. A partir de um diálogo crítico com a *Microfísica do Poder*, de Michel Foucault; com a Teoria da Prática, de Pierre Bourdieu, Certeau aproxima seu conceito de cotidiano à noção de jogo. As ações são, assim, decorrentes das situações vividas. Trata-se de um jogo articulado de práticas de dois tipos: as estratégias e as táticas. Com esse par de conceitos, Certeau rompe com a definição de cotidiano

como rotina para dar lugar à ideia de cotidiano como fluxo ou movimento. A análise de Certeau segue uma lógica própria ao analisar a ação cotidiana em suas características desviantes e conflitantes. Para Certeau, o cotidiano não se define pelas regularidades sociais, ainda que dele também façam parte as recorrências. Nas palavras do autor:

Eu gostaria de acompanhar alguns dos procedimentos – multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – que escapam da disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo que exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e da inquietante familiaridade da cidade (CERTEAU, 2005, p. 175).

Negando-se a pensar as práticas cotidianas na chave da polarização estrutura e ação, Certeau enfatiza a lógica processual e dinâmica das relações de poder da vida cotidiana. A proposta do autor de pensar o cotidiano como práticas, sejam elas estratégias ou táticas, opera uma ruptura com propostas conceituais que o analisam como regularidade. Em Certeau, o foco é no caráter dos conflitos e rupturas do cotidiano, no qual as táticas buscam a cada situação apresentada encontrar formas astutas de burlar ou subverter, transformando-a em uma “ocasião”. A ênfase dada por Certeau ao cotidiano como uma espécie de campo de batalha, rompe não apenas com o caráter normativo do cotidiano, como também enfatiza as relações de poder implicadas na construção social da vida pública cotidiana.

Escapando ao binarismo conceitual antes mencionado, a análise de Certeau não busca estabelecer condicionantes das práticas sociais como sujeitos, nem afirmar a preponderância dos contextos e das estruturas. Ao contrário, o autor foca sua análise em compreender como as práticas cotidianas driblam os condicionantes sociais nas quais estão implicadas, ainda que deles não fujam por completo. A análise de Certeau escapa, portanto, das possíveis armadilhas do binarismo conceitual agência x estrutura, que tende ora para as explicações objetivistas, ora para as subjetivistas.

Logo no início de *A Invenção do Cotidiano*, Certeau explicita sua proposta:

O exame dessas práticas não implica um regresso aos indivíduos. O atomismo social que, durante três séculos, serviu de postulado histórico para uma análise da sociedade supõe uma unidade elementar, o indivíduo, a partir da qual seriam compostos os grupos e à qual sempre seria possível reduzi-los. Recusado por mais de um século de pesquisas sociológicas, econômicas, antropológicas ou psicanalíticas (mas, em história, isto seria um argumento?), tal postulado se acha fora do campo deste estudo. De um lado, a análise mostra antes que a relação (sempre social) determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais. De outro lado, e sobretudo, a questão tratada se refere a modos de operação ou esquemas de ação e não visa uma lógica operatória cujos modelos remontam talvez às astúcias multimilenares dos peixes disfarçados ou de insetos camuflados e que, em todo caso, é ocultada por uma racionalidade hoje dominante no ocidente (CERTEAU, 2005, p. 37-38).

Certeau coloca o foco de sua análise do cotidiano nas relações sociais, escapando também à oposição entre outro par conceitual: indivíduo e sociedade. Nesse sentido sua proposta estaria mais próxima a do sociólogo norte-americano Erving Goffman, que a de autores com quem dialoga intensa e criticamente, como, por exemplo, Bourdieu e Foucault. Ao longo de *A Invenção do Cotidiano*, Certeau faz uma única e breve referência ao trabalho de Goffman: “De um lado, trabalhos sociológicos, antropológicos, e mesmo históricos (de E. Goffman a P. Bourdieu, de Mauss a M. Detienne, de J. Boissevain a E. O. Laumann) elaboram uma teoria dessas práticas, misto de ritos e bricolagens, manipulações de espaços, operadores de redes” (CERTEAU, 2005, p. 43). Essa única referência ao trabalho de Goffman, vem acompanhada de uma nota de rodapé

em que ele especifica os trabalhos lidos, dois deles traduzidos para o francês : “De Erving Goffman, cf. sobretudo *La Mise en scene de la vie quotidienne*. Paris: Minuit, 1973; *Les Rites d’interaction*. Paris: Minuit, 1974; *Frame Analysis*. Nova Iorque: Harper e Row, 1974”.

A obra de Goffman e de toda a Escola de Chicago foi tardiamente lida na França e, nos casos em que foi lida, como o de Bourdieu, por exemplo, foi, por vezes, interpretada à luz do paradigma estrutural marxista, resultando em críticas infundadas de subjetivismo e de individualismo metodológico. Diante da teoria de Goffman, Bourdieu, por exemplo, questiona a possibilidade de um indivíduo definir a situação objetiva em que se dá a interação com outros parceiros. Para Bourdieu (2005, p. 15), Goffman analisava a interação social face a face desconsiderando questões estruturais como a de classe social, que estaria nela implicada. Bourdieu fez críticas veementes à teoria de Goffman, mas, por outro lado, foi graças ao seu esforço editorial que a obra de Goffman foi mais traduzida em francês que a de qualquer outro sociólogo americano.

A perspectiva de autores franceses que buscavam pensar as cidades, fortemente influenciados por Marx, como Castells (1972) e Lefebvre (1968), oferece novos marcos para pensar as cidades de forma alternativa à adotada ou atribuída à Escola de Chicago. Frequentemente, a Escola de Chicago foi acusada de pensar nos processos de organização socioespacial entre diferentes grupos em um mesmo bairro como “naturais”. As críticas à Escola de Chicago chamavam atenção de que o formato físico das cidades não é o simples resultado de processos espaciais naturais, mas sim onde se reproduzem desigualdades sociais e atuam as forças de mercado e de poder do governo. Esses sociólogos franceses enfatizavam que o urbano deve ser compreendido, portanto, como espaço socialmente produzido, assumindo diferentes configurações de acordo com os vários modos de organização socioeconômica e de controle político em que está inserido.

Em entrevista concedida a Valladares e a Kant de Lima, o sociólogo francês Isaac Joseph argumenta que a lenta introdução da Escola de Chicago na França, a partir do fim da década de 1970, faz parte de uma mudança de paradigma nas ciências sociais. Segundo Joseph (2005), após duas décadas de domínio das teorias estruturalistas e do materialismo histórico, a sociologia francesa passou a buscar outros instrumentos de análise para a compreensão dos problemas sociais que então destacavam-se em sua sociedade: a imigração, a urbanização e as formas contemporâneas do pluralismo cultural.

A mais antiga tradução da Escola de Chicago na França é a do livro de Sutherland (1963) e, logo depois, os franceses introduziram Goffman (1968) na academia. Somente uma década depois, em 1979, aparece a coletânea organizada por Grafmeyer e Joseph traduzindo textos clássicos de Park, Burgess, McKenzie, Wirth entre outros autores de Chicago. O conhecido livro de Wirth (1980) sai finalmente traduzido em francês. Becker (1985) é divulgado a seguir e, nos anos noventa, as traduções se multiplicam com Whyte (1996), Anderson (1998) e, finalmente, o clássico de Thomas e Znaniecki (1998).

Goffman já estava, portanto, traduzido para o francês, quando, em 1980, Certeau publicou *A Invenção do Cotidiano*. Apesar de não haver um diálogo com a obra de Goffman nesse livro, a perspectiva dos dois sobre o cotidiano e a ruptura que, de fato, operam em relação ao binarismo de pares conceituais, como indivíduo x sociedade e agência X estrutura, sugere uma aproximação entre os dois autores. Foi, no entanto, somente a partir da década de 1990, que a Escola de Chicago passou a ser relida e mais bem compreendida por sociólogos franceses como, por exemplo, Isaac Joseph (2005). Em defesa do “interacionismo simbólico”, Joseph (2005) argumenta e destaca que, ao contrário das habituais críticas, a tradição de Chicago seria a melhor defesa contra o individualismo metodológico, uma vez que, desde a década de 1920, alguns dos seus autores ressaltam que a unidade elementar de análise da sociologia é a interação social. Os sociólogos de Chicago passaram, então, a ser relidos na França a partir de uma outra perspectiva, permitindo, por exemplo, que pesquisadores como Isaac Joseph estudassem o universo dos encontros de Goffman e compreendessem, em suas palavras que: “Muito mais que uma sociologia dos atores, individuais ou coletivos, é uma sociologia da ação que nasce em Chicago, antes de obter seu reconhecimento nas pesquisas contemporâneas sobre a ação situada”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Nels. *Le hobo: sociologie du sans-abri*. Paris: Nathan, 1998.
BECKER, Howard. *Outsiders*. Paris: A-M. Métailié, 1985.

- CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 [1972].
- BOURDIEU, Pierre. *LE SENS PRATIQUE*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- _____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 (1992).
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2005 [1980].
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2003 [1980].
- DOMINGUES, José Maurício. *Teorias Sociológicas no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001
- GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2005 [1980].
- GOFFMANN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2014[1959].
- _____. *Asiles*. Paris: Editions du Minuit. 1968.
- GRAFMEYER, Yves; JOSEPH, Isaac (Org.). *L'école de Chicago: naissance de l'écologie urbaine*. Paris: Éditions du Champ Urbain, 1979.
- Foucault, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987[1954].
- JOSEPH, Isaac. A respeito do bom uso da Escola de Chicago. In: VALLADARES, Licia do Prado (Org.). *A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Rio de Janeiro: Iuperj; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2001 (1968).
- LEACH, Edmund. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: Edusp, 1996 [1954].
- LEITE, Rogério Proença. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. *DADOS: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010.
- MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2003 [1980].
- ORTNER, Sherry B. “Uma atualização da teoria da prática. In: GROSSI, M. P.; ECKERT, C; FRY, P. H. (Org.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas (25ª RBA, Goiânia, 2006)*. Blumenau: ABA/Nova Letra, 2007. Cap.1.
- SUTHERLAND, Edwin. *Le voleur professionnel*. Paris: Spès, 1963.
- THOMAS, William I.; ZNANIECKI, Florian. *Le paysan polonais en Europe et en Amérique: récit de vie d'un migrant (Chicago, 1919)*. Paris: Nathan, 1998.
- TURNER, Victor. (1996 [1957]). *Schism and Continuity in an African Society*. Manchester: Manchester University Press.
- VALLADARES, Licia do Prado (Org.). *A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Rio de Janeiro: Iuperj; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005a.
- WHYTE, William Foote. *Street Corner Society: la structure sociale d'un quartier italo-américain*. Paris: Editions la Découverte, 1996.
- WIRTH, Louis. *The Ghetto*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1980.

NOTAS EXPLICATIVAS

¹ Nesse texto a autora faz um mapeamento de como a “teoria da prática” emerge no final da década de 1970 e de seus desdobramentos, a partir do surgimento de novas questões como “mudança do poder”, “guinada histórica” e “reinterpretação da cultura”.

² Certeau cita, em nota de rodapé, os Aymará do Peru e da Bolívia estudados por J.-E. Monast.

³ Pierre Mayol especializou-se em antropologia urbana e sociologia da cultura, depois de ter estudado letras modernas e filosofia. Obteve doutorado em antropologia pela Universidade de Paris VII.